

UMA ANÁLISE DO FENÔMENO “ALTERNÂNCIA DE LÍNGUAS” NA FALA DE BILÍNGUES INTERMODAIS (LIBRAS E PORTUGUÊS)

Aline Nunes de Sousa¹

Ronice Müller de Quadros²

alinesousa@cce.ufsc.br

ronice@cce.ufsc.br

RESUMO: Um interessante fenômeno linguístico presente nas interações das pessoas bilíngues é a alternância de línguas. Neste trabalho, estamos investigando a alternância da língua portuguesa oral com a língua de sinais brasileira – Libras, numa mesma cadeia enunciativa, com o objetivo de identificar e analisar o uso dessa alternância na fala de uma criança e de um adulto (ambos ouvintes, filhos de pais surdos), interagindo em uma situação de bilinguismo intermodal, com interlocutores surdos e ouvintes. A alternância de línguas, nesse caso, ocorre quando se para de falar em português e se passa a sinalizar. O presente trabalho se caracteriza como um estudo inicial, com análise qualitativa de dados. Fazem parte do nosso corpus nove sessões de interações em Libras e em português oral, gravadas em vídeo, pertencentes ao Projeto Desenvolvimento Bilíngue Bimodal da UFSC. Os dados revelam que as características da alternância de línguas pelo adulto e pela criança parecem ter semelhanças e diferenças. O sujeito adulto parece ter feito uso da alternância mais preocupado com o curso da interação. A criança, por sua vez, não parece tê-la usado com propósitos pragmáticos específicos. Quanto à extensão das alternâncias, pode-se perceber que tanto a criança quanto o adulto utilizaram enunciados maiores do que uma única palavra isolada. O papel dos interlocutores parece ter sido decisivo nas interações aqui investigadas – especialmente nas do adulto, já que a criança ainda está em processo de tomada de consciência do papel do interlocutor na interação.

PALAVRAS-CHAVE: Alternância de Línguas; Bilinguismo Intermodal; Libras; Português.

INTRODUÇÃO

A forma como as pessoas bilíngues adquirem línguas e interagem por meios das mesmas tem sido crescente objeto de pesquisa e discussão em diversas áreas. Um interessante

¹ Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

² Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

fenômeno linguístico presente nas interações desses sujeitos é o chamado *code-switching*³. Neste trabalho, estamos considerando *code-switching* a alternância de línguas numa mesma cadeia enunciativa⁴, seja na oralidade⁵, seja na escrita.

Para Bullock e Toribio (2009: 189, tradução nossa), alternância de línguas “é a declaração mais evidente e imediata do bilinguismo de um falante”. Esses autores argumentam isso porque, por meio do uso da alternância de línguas, é possível perceber concretamente a habilidade dos bilíngues de gerenciar diferentes sistemas linguísticos, habilidade essa resultante de fatores cognitivos, linguísticos e sociais.

Segundo esses autores, os estudos cognitivos sobre a alternância de línguas geralmente focam a habilidade das pessoas bilíngues de inibir ou ativar uma língua seletivamente; já os estudos linguísticos estão mais voltados para a investigação do conhecimento linguístico que as pessoas bilíngues precisam ter a fim de alternar os sistemas de forma sistemática, enquanto os estudos sociolinguísticos estão mais interessados em investigar o motivo pelo qual e sob quais condições as pessoas bilíngues alternam línguas (Bullock; Toribio, 2009: 189).

Os estudos sobre as produções de pessoas bilíngues sempre identificam instâncias produtivas de alternância de línguas. A conclusão é que isso é possível porque as pessoas bilíngues apresentam ambas as línguas ativadas, do ponto de vista cognitivo (Muysken, 2000). Milroy e Muysken (1995) concluíram que a alternância de línguas evidencia a habilidade da pessoa bilíngue de usar de forma apropriada as duas línguas, indicando um nível elevado de proficiência nas duas línguas. Esses usos são determinados por fatores sociolinguísticos, como, por exemplo, quem são os interlocutores e qual o contexto situacional (Meisel, 1994).

O presente trabalho se inscreve, portanto, entre os estudos linguísticos e sociolinguísticos, tendo o objetivo de identificar e analisar o uso da alternância de línguas na fala de uma criança e de um adulto (ambos CODAs⁶), interagindo em duas línguas de modalidades distintas – a língua de sinais brasileira (Libras) e o português –, com interlocutores surdos e ouvintes.

³ Em português, *code-switching* pode ser traduzido por “alternância de código” ou “alternância de línguas”. Neste trabalho, optamos por usar o segundo termo, tendo em vista a concepção de língua que embasa nosso trabalho – língua enquanto atividade discursiva e não enquanto código.

⁴ Estamos considerando “enunciação” à luz de Bakhtin. Segundo esse autor, “a verdadeira substância da língua” é constituída “pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações.” (Bakhtin, 2006: 125).

⁵ Por oralidade entendemos o meio de comunicação face-a-face, em oposição ao meio escrito, envolvendo línguas orais ou línguas de sinais.

⁶ A sigla CODA diz respeito às crianças ouvintes, filhas de pais surdos (em inglês, *children of deaf adults*).

Como veremos a seguir, o fenômeno alternância de línguas, tradicionalmente investigado em bilíngues ouvintes interagindo em línguas orais, tem sido recentemente alvo de interesse dos pesquisadores de línguas de sinais, que têm pesquisado tanto sujeitos surdos quanto ouvintes.

1. ALTERNÂNCIA DE LÍNGUAS NO BILINGUISMO INTERMODAL⁷

Para Emmorey *et al.* (2005, apud Baker; van den Bogaerde, 2008), a alternância de línguas envolvendo uma língua oral e uma língua de sinais ocorre quando se para de falar e se passa a sinalizar em uma língua de sinais – no caso desses autores, do inglês para a língua de sinais americana (ASL).

Um fenômeno que se assemelha à alternância de línguas é o *code-blending*⁸. Trata-se da sobreposição de línguas, possível somente em casos em que há a presença de línguas de modalidades diferentes – daí o termo *bilinguismo intermodal*. Emmorey *et al.* (2008: 44, tradução nossa) afirmam que ocorre sobreposição de línguas quando “os sinais da ASL são produzidos simultaneamente ao inglês falado”.

Enquanto no *code-switching* há a alternância de uma língua para outra, no *code-blending* as duas línguas são produzidas simultaneamente, há uma sobreposição de línguas. A seguir temos alguns exemplos de cada caso, retirados de Chen-Pichler e Lillo-Martin (2010, tradução nossa):

(1) *Code-switching* (Francês/Inglês):

“J’ai vu un *kitty cat*”

(Tradução: Eu vi um gatinho)

(2) *Code-switching* (ASL/Inglês):

“I want *COOKIE*”

(Tradução: Eu quero um biscoito.)

⁷ O termo intermodal também é usado como bimodal, no sentido de duas línguas de modalidades diferentes. Optamos por usar o termo intermodal neste artigo para evitar confusão com o termo bimodal usado no campo da educação de surdos que refere ao uso de um sistema artificial com a produção das duas línguas simultaneamente, o chamado “português sinalizado”.

⁸ Em português, *code-blending* pode ser traduzido por “sobreposição de códigos” ou “sobreposição de línguas”. Optamos pelo segundo termo pelos motivos explicitados anteriormente.

⁹ Neste trabalho, utilizaremos notações em glosas para representar os sinais das línguas de sinais, com texto em caixa-alta, entre outros elementos.

(3) *Code-blending* congruente (Inglês/ASL):

“some ducks”

DUCK

(Tradução: alguns patos)

(4) *Code-blending* incongruente (Inglês/ASL):

“pretty”

BIRD

(Tradução: pássaro bonito)

Nos exemplos (1) e (2), percebe-se que os sujeitos mesclam as duas línguas, alternando uma com a outra: no exemplo (1), francês (*J'ai vu un*) com inglês (*kitty cat*); no exemplo (2), inglês (*I want*) com ASL (*COOKIE*).

Nos exemplos (3) e (4), as produções são simultâneas. No exemplo (3) há uma congruência entre o item lexical falado em inglês (*duck*) e o sinal produzido em ASL (*DUCK*). Já em (4), a relação entre os itens lexicais produzidos simultaneamente é de complementaridade. O item falado em inglês (*pretty*) junto ao item sinalizado em ASL (*BIRD*) compõem um único sintagma nominal, ”*pretty bird*” (pássaro bonito).

No bilinguismo unimodal (com duas línguas orais), a alternância de línguas “pode envolver vários trechos de discurso, desde palavras até turnos completos” (Faerch; Kasper, 1983: 296, tradução nossa). Poplack (1980 apud Emmorey *et al.*, 2008) também afirma que, nesse tipo de bilinguismo, a maioria das alternâncias é composta por constituintes maiores que um item lexical único.

Já no bilinguismo intermodal, Emmorey *et al.* (2008: 47) identificaram que a grande maioria das alternâncias consistia em inserções de um único sinal – em torno de 91,84%.

Quanto à diferença no uso de alternância e sobreposição de línguas por adultos e por crianças ouvintes bilíngues (CODAs), Emmorey *et al.* (2008) supõem que as crianças tenham preferência pelo uso de sobreposição devido ao tipo de input recebido dos pais surdos – os quais geralmente produzem palavras e sinais simultaneamente ao se comunicarem com seus filhos ouvintes. Petitto *et al.* (2001) identificaram 96% de sobreposição de línguas e apenas 4% de alternância de línguas na fala de crianças bilíngues intermodais.

Na fase adulta, poderíamos supor que os bilíngues intermodais abandonassem esse comportamento, tendo preferência pelo uso de alternância de línguas. Porém, o estudo de Emmorey *et al.* (2008: 47) constatou que mesmo adultos CODAs preferem sobreposição à alternância de línguas (6.26%).

Outros estudos nesta área – como Baker e van den Bogaerde (2008) – têm demonstrado que os bilíngues intermodais em geral preferem o uso de sobreposição ao uso de alternância de línguas – que aparece, em média, em menos de 10% das ocorrências.

Quadros *et al.* (2010) e Lillo-Martin *et al.* (2010) propõem usar o modelo de MacSwan (2000, 2005) para explicar as instâncias de alternância de línguas. Segundo esse autor, é possível utilizar um modelo¹⁰ que explica a competência monolíngue aplicado às produções de um falante bilíngue. Segundo esse modelo, não haveria mecanismos especiais ou restrições específicas no caso da arquitetura linguística de pessoas bilíngues. Seria a mesma usada por monolíngues, mas com elementos lexicais de duas línguas.

As autoras aplicam essa mesma proposta às instâncias de sobreposição de línguas. A diferença nesse caso específico está relacionada com o fato de ser possível produzir duas línguas de modalidade diferente (ou seja, uma línguas de sinais e uma língua oral) simultaneamente, por não haver nenhuma restrição articulatória. Basicamente, a proposta é de que sempre a pessoa bilíngue produz uma única proposição (processa uma única computação), mesmo que acesse partes de uma ou de outra língua. O acesso a uma ou outra língua se dá por razões sociolinguísticas.

Mas, se em situações de bilinguismo intermodal, a frequência de sobreposição de línguas é bem maior do que a de alternância, por que então investigar esse fenômeno?

Apesar de serem raras as ocorrências de alternância de línguas, é possível que seu uso influencie a aprendizagem da língua oral na modalidade escrita por crianças bilíngues intermodais (surdas ou ouvintes) – já que estruturas e itens lexicais de uma língua podem ser transferidos para a outra em situações de bilinguismo –, trazendo, portanto, implicações para sua escolarização. Além disso, esse comportamento linguístico vale a pena ser investigado porque pode contribuir para ampliar a compreensão de como funciona a sistematização dos sistemas linguísticos pelos bilíngues intermodais – tema ainda pouco investigado. Afinal de contas, a possibilidade de instâncias de alternância de línguas indica que os bilíngues intermodais estão transferindo conhecimento de uma língua para outra.

¹⁰ Esse modelo incorpora elementos da sintaxe minimalista e da morfologia distributiva.

Mas esses são temas de pesquisa que poderão ser desenvolvidos posteriormente. O presente trabalho é uma pesquisa inicial que pretende contribuir com reflexões acerca do fenômeno da alternância de línguas a partir de dados empíricos que envolvem a língua portuguesa e a língua de sinais brasileira. Essas reflexões poderão servir de suporte para as hipóteses de investigação levantadas anteriormente.

1.1 POR QUE AS PESSOAS ALTERNAM LÍNGUAS?

Emmorey *et al.* (2008: 58, tradução nossa) afirmam que os bilíngues unimodais alternam línguas, por exemplo, “quando uma língua não tem uma tradução aplicável para uma palavra, conceito ou expressão que eles desejam expressar”. Esses autores afirmam que isso também ocorre com bilíngues intermodais, quando, por exemplo, não é possível expressar em inglês informações que se dão de uma forma única na ASL. Nesse sentido, a enunciação alterna inglês e ASL.

Ainda de acordo com Emmorey *et al.*, para os bilíngues unimodais fluentes, essa não é a função principal da alternância de línguas. Para esses sujeitos, a alternância se dá preferencialmente para cumprir “funções discursivas e sociais tais como demarcar identidade, estabelecer proficiência linguística, indicar mudança de tópico, criar ênfase” (2008: 58, tradução nossa), entre outras funções.

Segundo esses autores, para os bilíngues intermodais, o uso de alternância de línguas pode também ser motivado por restrições de modalidade (físicas, articulatórias) que envolvem as línguas em questão. No momento das refeições, por exemplo, quando se está de boca cheia, ou em lugares muito ruidosos, foi observado que bilíngues intermodais alternam da língua oral para a língua de sinais. Essa motivação para o uso de alternância de línguas não ocorre, portanto, em casos de bilinguismo unimodal – seja com duas línguas orais ou duas línguas de sinais.

Odlin (2009) chama a atenção para o papel do interlocutor na análise de dados de qualquer fenômeno que envolva mistura de línguas, pois ele pode ser determinante para o uso (ou não-uso) da alternância.

Williams e Hammarberg (1998), analisando a produção oral de um sujeito em sueco (sua terceira língua), durante dois anos, constataram que o mesmo alternava línguas, substituindo desde palavras até turnos completos, mudando da L3 para a L1 (inglês) e para a L2 (alemão) em situações distintas, como apresentadas a seguir:

- a) para realizar apartes, fazer comentários sobre seu desempenho na L3, pedir ajuda (função metalinguística¹¹);
- b) para fazer autocorreção, iniciar turnos, para facilitar a interação e para dar feedback interativo (função de edição¹²);
- c) para tentar superar problemas de léxico na L3 com itens que não são dessa língua, mantendo a continuidade temática ou com alguma motivação sociopsicológica (função de inserção¹³);
- d) “sem um propósito pragmático identificável”¹⁴ (Williams; Hammarberg, 1998: 295), ou seja, de maneira não-intencional, acidental.

Nos dados que iremos analisar, procuraremos identificar, quando possível, algumas das motivações dos sujeitos para o uso da alternância de línguas, segundo a tipologia de Williams e Hammarberg (1998).

2. PERCURSO METODOLÓGICO

O presente trabalho se caracteriza como um estudo exploratório, com análise qualitativa de dados.

Fazem parte do corpus nove sessões de interação verbal, em Libras e em português, gravadas em vídeo, pertencentes ao Projeto Desenvolvimento Bilíngue Bimodal¹⁵, coordenado pela Profa. Dra. Ronice Muller de Quadros, na Universidade Federal de Santa Catarina.

Foram analisados dois sujeitos ouvintes bilíngues intermodais: Igor, uma criança CODA, com pai surdo e mãe ouvinte, cujos dados analisados são do período em que o mesmo tinha entre 2 e 4 anos de idade; Lu, uma adulta CODA, filha de pais surdos, com 30 anos de idade.

¹¹ *Meta function.*

¹² *Edit function.*

¹³ *Insert function.*

¹⁴ Os autores chamam essa função de WIPP (*Without Identified Pragmatic Purpose*): “sem um propósito pragmático identificável”.

¹⁵ Projeto de pesquisa coordenado pela Dra. Diane Lillo-Martin, da *University of Connecticut* e pelas co-pesquisadoras Dra. Deborah Chen-Pichler, da *Gallaudet University* e Dra. Ronice Müller de Quadros, da Universidade Federal de Santa Catarina. Este projeto e os resultados apresentados aqui contam com recursos Americanos da *National Institutes of Health* – NIDCD, recurso #DC00183 e NIDCD grant #DC009263, e do Conselho Nacional de Pesquisas – CNPq, recurso #CNPQ #200031/2009-0 e #470111/2007-0. Nós queremos agradecer também a todos os envolvidos neste projeto, desde as crianças, aos pais, aos colaboradores, aos pesquisadores assistentes e bolsistas do projeto.

Sujeito ¹⁶	Sessões	Língua	Interlocutor
Igor	11, 24, 33, 34, 44	Libras	pai surdo
Igor	29, 35	Português	mãe ouvinte
Lu	1a	Libras	dois surdos, uma CODA adulta, uma ILS ¹⁷ adulta
Lu	2	Libras	uma CODA adulta

Tabela 1: Sessões analisadas neste trabalho

No caso de Igor, trata-se de sessões de interações espontâneas coletadas semanalmente no projeto citado, numa média de 45min cada sessão, em que um adulto – surdo ou ouvinte, dependendo da língua – interage com a criança em momentos lúdicos, fazendo uso de brinquedos e jogos. No caso de Lu, as interações foram coletadas em momentos pontuais, já que não é objetivo principal do projeto a análise de produções linguísticas de adultos¹⁸. A *sessão 1a* durou 11min, e a *sessão 2* durou 16min.

As sessões aqui analisadas foram escolhidas aleatoriamente no banco de dados do projeto. O número total de ocorrências não foi quantificado visto que foram escolhidos casos que pareceram ser mais significativos para a análise qualitativa aqui proposta: uma análise do uso do fenômeno alternância de línguas nos contextos apresentados de forma a traçar um panorama geral dos mesmos.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO

3.1 ANÁLISE DOS DADOS DE “LU”

- Lu – sessão 1a (LS):

(1) 02:12¹⁹

PB²⁰: pessoas fala será? *eu falo* não sei

¹⁶ Igor e Lu são codinomes dos participantes da pesquisa.

¹⁷ Intérprete de língua de sinais (ILS).

¹⁸ O foco do projeto é investigar a aquisição simultânea de uma língua de sinais e de uma língua oral por crianças bilíngues, surdas e CODAs.

¹⁹ Numeração correspondente ao tempo do vídeo.

²⁰ Português brasileiro.

LS²¹: PESSOAS AVISAR IX(menino) e(esperar)

(2) 03:18

PB: porque marcelo nada *tipo assim* roupa um tá bom

LS: PORQUE FS(marcelo) NADA ROUPA UM e(positivo)

(3) 06:58

PB: olha pra que? você tá entendendo? *ai olhou assim xxx*²²

LS: OLHAR COMO ENTENDER PASSAR-TEMPO

(4) 08:05

PB: parece seu irmão doente *assim* tava muito doente

LS: PARECER IX(ele) IRMAO DOENTE ESTAR MUITO DOENTE

PB: saúde mesmo

LS: SAUDE VERDADE

- Lu – sessão 2 (LS):

(5) 08:14

PB: *ai* fez *assim* né

LS: FAZER CADÊ

Na sessão 1a, a interação se dá em língua de sinais, provavelmente porque essa é a língua que todos os presentes compartilham – surdos e ouvintes (uma CODA e uma ILS). Percebe-se, ao longo do vídeo, que, na maior parte do tempo, a sinalizante Lu faz uso de sobreposição de línguas. São poucas as vezes em que ela usa apenas Libras ou apenas português. É possível que a presença de ouvintes na situação de interação tenha algum tipo de influência sobre esse intenso uso de sobreposição, já que, para os surdos presentes, a língua oral não era acessível. Logo, o contexto com a presença de surdos e ouvintes parece favorecer a decisão da Lu em usar ambas as línguas simultaneamente. No entanto, quando, algumas vezes, uma expressão ou uma palavra de uma ou de outra língua não apresenta tradução equivalente, verifica-se o uso da alternância de línguas.

²¹ Língua de Sinais.

²² No tipo de notação que estamos utilizando, “xxx” significa que a fala não foi compreensível.

Quanto ao uso específico da alternância, nos exemplos acima temos os enunciados destacados em itálico. Nos enunciados (1) “eu falo” e (3) “aí olhou assim xxx”, pronunciados apenas em português, trata-se de informações que já estão contidas no discurso em língua de sinais e que não precisariam ser sinalizadas. Nesse caso, não há necessidade do uso de termos equivalentes, porque, na Libras, o uso do corpo e do olhar direcionado para o referente já subentendem essas informações. Assim, o corpo e o olhar, de certa forma, se sobrepõem à fala, mas enquanto produção gestual (que também é associada aos sinais). **Como a produção gestual se apresenta na mesma modalidade da língua de sinais, parece que não houve sobreposição entre a produção na modalidade visual-espacial (a língua de sinais) e a modalidade oral-auditiva (a língua oral).** No entanto, se considerarmos que os gestos alternam com sinais por se apresentarem na mesma modalidade, houve uma sobreposição do gesto à língua oral, alternada com a língua de sinais.

Em “eu falo”, há o uso do discurso indireto indicando quem vai falar. Em língua de sinais, o posicionamento do corpo já indica quem está tomando a palavra numa narrativa. Em “aí olhou assim xxx”, Lu incorpora o jeito da personagem se mexer e olhar, mas não usa sinais manuais como itens lexicais.

Esses enunciados parecem ser um tipo de tradução das expressões corporais usadas pela narradora – que não são sinais propriamente ditos. É interessante mencionar que esses dois enunciados foram realizados no momento da conversa em que o interlocutor imediato era surdo, ela estava olhando para ele enquanto falava. Os ouvintes estavam acompanhando a conversa fora do campo de visão frontal da narradora (Lu).

Pode ser que essa necessidade de traduzir tais expressões corporais para a língua portuguesa tenha sido motivada pela vontade da narradora de tornar o seu discurso mais claro para os ouvintes presentes, e que estavam fora de seu campo de visão. Outra hipótese é que seu uso tenha sido acidental, “sem um propósito pragmático identificável” (Williams; Hammarberg, 1998: 295)²³.

Com relação aos enunciados (2) “tipo assim” e (4) “assim”, não há nenhuma expressão corporal que os acompanhe. Eles foram pronunciados exclusivamente em português. Dentro da cadeia enunciativa em que eles se encontram, parece se tratar de marcadores discursivos com função de introduzir uma explicação no texto. De acordo com Castelano e Ladeira

²³ Autores como Williams e Hammarberg (1998) consideram o *code-switching* uma estratégia de comunicação usada por pessoas bilíngues. Numa próxima pesquisa, além de analisar o produto das interações, talvez fosse interessante entrevistar o sujeito bilíngue, quando esse fosse um adulto, sobre suas motivações para o uso desta ou daquela estratégia de comunicação.

(2010), essa é uma das funções em que as expressões “assim” e “tipo assim” podem ser utilizadas. Na tipologia de Williams e Hammarberg (1998), a função que poderia se considerar mais semelhante a essa seria a de “edição” – cujo objetivo é facilitar a interação.

É importante ressaltar que, no momento em que esses enunciados foram produzidos, o interlocutor imediatamente à frente da sinalizante era ouvinte – outra CODA. Isso pode ter motivado a inserção de marcadores de discurso exclusivamente em português oral por parte da narradora (Lu), talvez com a intenção de “costurar” melhor o texto para os interlocutores ouvintes – ou até para ela mesma, como uma estratégia de organizar melhor o próprio discurso. Outra hipótese é que sejam vícios de linguagem da sinalizante Lu, que se externalizam na presença de outros ouvintes.

Na sessão 2, Lu está conversando com outra CODA. É interessante ressaltar que não foi solicitado que as duas conversassem em Libras, mas, mesmo assim, elas fizeram essa escolha. Nesse caso, a alternância de línguas se deu com inserções de enunciados em português. Além disso, houve vários momentos de sobreposição – os quais não serão tratados neste trabalho.

Com relação à alternância, nesta sessão, os itens “aí” e “assim”, do trecho (5), podem também estar exercendo a função de “edição” no discurso de Lu, segundo a tipologia de Williams e Hammarberg (1998), com o objetivo de dar maior coesão ao texto ouvido e visto pela interlocutora ouvinte, ou seja, para facilitar a interação.

Para pesquisas futuras, seria interessante se também tivéssemos uma sessão em que Lu conversasse em português, como língua principal, para investigar a inserção (ou não) de enunciados em Libras por meio do uso de alternância de línguas e suas características.

3.2 ANÁLISE DOS DADOS DE “IGOR”

PARTE 1: INTERAÇÃO COM INTERLOCUTOR SURDO (LÍNGUA DE SINAIS)

- Igor – sessão 11 (LS) / idade: 02;04:

(6) 10:11

LS: e(pedir)

PB: *xxx carro que pega*

Obs.: Nesse momento, Igor olha para os brinquedos, não para o pai.

(7) 10:22

PB: *já acabou? acabou? acabou?*

LS:

- Igor – sessão 24 (LS) / idade: 02;08:

(8) 03:19

PB: *não qual coisa esse que tá correndo*

LS: IX (dvd)

Obs.: O menino fala vários enunciados em português apontado para o DVD, e o pai repetindo que é surdo e que não o está ouvindo (00:51).

(9) 01:57

LS (pai): e(chamar)

PB (Igor): *hum?*

- Igor – sessão 34 (LS) / idade: 02;11:

(10) 00:37

PB: *é o “b” outro pra esse o “b” não é*

LS: g(sim) g(não)

(11) 01:34

PB: *esse ai*

LS:

Obs.: Igor mostra a peça ao pai.

(12) 02:19

PB: *essa achei achei não é o sapo*

LS: g(não) SAPO

Obs.: Igor coloca a peça sobre a figura e a mostra ao pai.

(13) 03:19

PB: *não é cadê?*

LS:

Obs.: Igor está manipulando os brinquedos.

(14) 03:44

PB: *qual é “v”?* *não sabe?*

LS:

Obs.: Igor fala com o pai enquanto o pai procura peças, por isso ele não olha pra criança.

- Igor – sessão 44 (LS) / idade: 03;02:

(15) 02:30

PB: *o(lha)*

LS:

Obs.: Igor mostra peça ao pai.

(16) 03:27

PB: *o pai é brinquedo esse*

LS:

Obs.: Igor está manipulando brinquedos.

(17) 07:53

PB: *carro* *o(lha)*

LS:

Obs.: Igor está manipulando brinquedos.

Os trechos acima foram retirados de interações de Igor com seu pai, surdo. Mesmo bem jovem (entre 2 e 3 anos de idade), ele já utiliza língua de sinais com o pai. No entanto, os trechos aqui transcritos são amostras apenas de momentos em que apareceram ocorrências de uma suposta alternância de línguas, destacadas em itálico. Estamos chamando de suposta porque a criança ainda mescla bastante as duas línguas.

Em todos os trechos apresentados acima, Igor fala com o pai em português e algumas vezes nem olha para ele – como em (6). Há casos, como em (14), em que o pai está de costas para o filho, mas Igor continua se dirigindo a ele em português. Na sessão 24, o pai insiste

com o filho que é surdo e que não o está ouvindo, mas Igor continua conversando com o pai em português em outras partes da conversa. Devido à pouca idade, pode ser que Igor ainda não diferencie a língua que precisa utilizar com cada interlocutor e em que momento.

Como ressalta Odlin (2009), o interlocutor tem um papel decisivo em interações com mistura de línguas. Assim, parece que Igor ainda não tem claro qual língua utilizar com o interlocutor que é surdo e utiliza a língua portuguesa. Isso pode ter várias razões, pois Igor se depara com várias circunstâncias em que o pai, apesar de usar exclusivamente a língua de sinais, interage com pessoas ouvintes que se dirigem a ele por meio da língua oral. O pai é bilíngue, apesar não usar o português oral como língua de interação. Ele lê e escreve português, além de compreender um pouco a fala das pessoas que não sabem a Libras e que procuram conversar com ele. Talvez, por se deparar constantemente com esses contextos, Igor saiba que seu pai é bilíngue e, simplesmente, use a língua portuguesa com ele. O fato é que o pai compreende o que o Igor fala, apesar de insistir com ele no uso da língua de sinais. Aos poucos, Igor vai percebendo que a língua preferida e mais acessível ao pai é a língua de sinais e, assim, passa a usá-la de forma mais consistente (conforme dados observados de interações de Igor com o pai depois dos 3 anos de idade).

Outro fato interessante presente nas interações de Igor parece com o que Emmorey *et al.* (2008: 58) chamam de “restrição física”. Pode ser que o fato de manipular brinquedos (ou seja, ficar com as mãos ocupadas) faça a criança usar mais a língua oral do que a língua de sinais nas interações com o pai. No entanto, como o pai de Igor não é um surdo oralizado, essa estratégia de fazer alternância de línguas devido a uma restrição física não é tão eficaz com esse interlocutor.

PARTE 2: INTERAÇÃO COM INTERLOCUTOR OUVINTE (LÍNGUA PORTUGUESA)

- Igor – sessão 29 (PB) / idade: 02;09:

(18) 02:30

PB: um

S cinco

LS: UM

DOIS

CINCO

(19) 09:30

PB:

LS: *QUATRO*

Há momentos, entretanto, em que eles interagem em Libras durante turnos completos, como na sessão 35, de 28min31seg a 29min30seg.

Há uma situação interessante na sessão 35, em que cada um interage numa língua diferente. O trecho (23) mostra que Igor está falando em português, e sua mãe em Libras, num jogo de perguntas e respostas, como se fosse um “jogo de tradução”.

O comportamento linguístico de Igor exemplifica que é possível alternar enunciados longos e até turnos completos em interações de bilíngues intermodais, e não apenas de sinais isolados (“*single sign*”) – ocorrência mais frequente no estudo de Emmorey *et al.* (2008: 47). Nesses casos, Igor percebe que a mãe é bilíngue e usa com ela as duas línguas. Veja que a mãe faz uso sistemático das duas línguas em sua casa, exatamente por ser casada com uma pessoa surda, além de usar as duas línguas em meio profissional e na igreja em que participam. Igor, portanto, usa as duas línguas com a mãe, aproveitando os diferentes contextos e potencializando a comunicação. No exemplo a seguir, Igor não é compreendido pela mãe em português. Prontamente, ele usa a língua de sinais sobreposta à sua fala para esclarecer o que disse, obtendo sucesso mediante a confirmação dada pela mãe.

- Igor – sessão 33 (PB) / idade: 02;10:

(25) 13:26

BP: Mãe, Laura cabeça bateu, Não, Laura bateu a cabeça.

LS: IX(cabeça) BATER

Obs.: A mãe pergunta se ela caiu e ele corrige a mãe dizendo que ela bateu a cabeça.

Observamos que a inserção de enunciados mais longos na conversa – nas situações de alternância de línguas – se dá mais com o pai, em português, do que com a mãe, em Libras. Nas alternâncias com a mãe, em Libras, ele faz bastante uso de gestos e de imitação, além de sinalizar mais “nomes” isolados. Nas alternâncias com o pai, em português, ele faz uso de “nomes”, “verbos” e “palavras gramaticais” (pronomes, artigos, preposições).

Pode ser que, nessa época, Igor ainda não fosse tão fluente em língua de sinais, fato que pode ser decorrente da idade, ou até mesmo do pouco tempo de exposição à língua, já que, em geral, as crianças pequenas passam mais tempo com a mãe do que com o pai.

Outro fato confirmado nos estudos de Lillo-Martin *et al.* (2010) é o fato de que todos os exemplos, tanto da CODA adulta como de Igor, evidenciam que sempre há a produção

de uma única proposição a cada vez, mesmo que essa proposição combine ou sobreponha uma língua à outra.

Seria interessante observar como será o comportamento linguístico de Igor com mais idade, como ele se comportará quanto aos interlocutores, qual será a frequência de uso de alternância e sobreposição, quais serão as características das suas alternâncias, entre outros aspectos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste estudo inicial foi possível ver como dois bilíngues intermodais ouvintes se comportam quanto ao uso da alternância de línguas – apesar de termos também tratado um pouco da sobreposição de línguas.

Os dados revelam que tanto a criança quanto o adulto fazem uso desses dois recursos linguísticos em suas interações com surdos e com ouvintes.

As características da alternância de línguas pelo adulto e pela criança têm semelhanças e diferenças. O sujeito adulto parece ter feito um uso da alternância mais preocupado com a interação, de forma semelhante ao que Williams e Hammarberg (1998) chamam de “função de edição”. A criança, por sua vez, não parece tê-la usado com propósitos pragmáticos específicos – pelo contrário, sua mistura de línguas soa bastante natural, não-proposital, função também identificada no estudo de Williams e Hammarberg (1998).

Quanto à extensão das alternâncias, nota-se que tanto a criança quanto o adulto utilizaram enunciados maiores do que uma única palavra – ao contrário do que apresentou o estudo de Emmorey *et al.* (2008), no qual a grande maioria das alternâncias foi composta por palavras isoladas. Como o escopo deste trabalho é pequeno, não temos como afirmar com propriedade se esse fato pode ser considerado recorrente ou se foram situações atípicas.

O papel dos interlocutores parece ter sido decisivo nas interações aqui investigadas – especialmente nas do adulto, já que a criança ainda está em processo de tomada de consciência do papel do interlocutor na interação –, o que confirmaria Odlin (2009).

Mesmo se tratando de um fenômeno não tão comum quanto a sobreposição de línguas na fala de sujeitos bilíngues intermodais, é importante investigar a alternância de línguas com mais profundidade pelas razões citadas anteriormente neste trabalho. Entre elas, destacamos o fato de ser possível que esse fenômeno repercuta no desenvolvimento da escrita desses

sujeitos, o que gera implicações para a educação das crianças bilíngues intermodais - sejam elas surdas ou ouvintes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BAKER, A.; van den BOGAERDE, B. Code-mixing in signs and words in input to and output from children. In: PLAZA-PUST, C.; MORALES-LÓPEZ, E. (Eds.) *Sign Bilingualism*. Amsterdam: John Benjamins, 2008.
2. BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 12. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2006.
3. BULLOCK, B. E.; TORIBIO, A. J. Trying to hit a moving target: on the sociophonetics of code-switching. In: ISURIN, L.; WINFORD, D.; BOT, K. de. (Eds.) *Multidisciplinary Approaches to Code Switching*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2009. (Studies in Bilingualism, v. 41).
4. CASTELANO, K. L.; LADEIRA, W. T. Funções discursivo-interacionais das expressões “assim”, “tipo” e “tipo assim” em narrativas orais. *Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura*, Ano 6, n. 12, 1º semestre de 2010. Disponível em: < http://www.letramagna.com/artigo24_XII.pdf>. Acesso em 26 jan. 2012.
5. CHEN-PICHLER, D.; LILLO-MARTIN, D. *The development of bimodal bilingualism*. Michigan Linguistics Society, UM Flint, 23 out. 2010. Slides apresentados em palestra.
6. EMMOREY, K.; BORINSTEIN, H. B.; THOMPSON, R.; GOLLAN, T. H. Bimodal bilingualism. *Bilingualism: language and cognition*, 11(1), 2008.
7. FAERCH, C.; KASPER, G. *Strategies in interlanguage communication*. London: Longman, 1983.
8. LILLO-MARTIN, D.; QUADROS, R. M. de; KOULIDOBROVA, H.; CHEN-PICHLER, D. Bimodal bilingual cross-language influence In unexpected domains. In: COSTA, J.; CASTRO, A.; LOBO, M.; PRATAS, F. (Eds.), *Language acquisition and development: proceedings of GALA 2009*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Press, 2010.
9. MacSWAN, J. The architecture of the bilingual language faculty: evidence from code-switching. *Bilingualism: L & C* 3, 2000.

10. MacSWAN, J. Codeswitching and generative grammar. *Bilingualism: L & C* 8, 2005.
11. MEISEL, J. M. *Bilingual First Language Acquisition: French and German grammatical development*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1994.
12. MILROY, L.; MUYSKEN, P. *One speaker, two languages: cross-disciplinary perspectives on code-switching*. New York: Cambridge University Press, 1995.
13. MUYSKEN, P. *Bilingual Speech: a typology of code-mixing*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
14. ODLIN, T. Transfer and code-switching: separate territories but common concerns on the boarder. In: ISURIN, L; WINFORD, D.; BOT, K. de. (Eds.). *Multidisciplinary Approaches to Code Switching*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2009. (Studies in Bilingualism, v. 41).
15. PETITTO, L. A.; KATERELOS, M.; LEVY, B. G.; GAUNA, K.; TÉTREAULT, K.; FERRARO, V. Bilingual signed and spoken language acquisition from birth: implications for the mechanisms underlying early bilingual language acquisition. *J. Child Lang*, Cambridge, n. 28, 2001.
16. QUADROS, R.; LILLO-MARTIN, D.; CHEN PICHLER, D. *Two languages but one computation: code-blending in bimodal bilingual development*. Trabalho apresentado no 10^o Theoretical Issues in Sign Language Research – TISLR, West Lafayette, Indiana, EUA, set-out, 2010.
17. WILLIAMS, S.; HAMMARBERG, B. Language switches in L3 production: implications for a polyglot speaking. *Applied linguistics*, v. 19, n. 3, 1998.

ABSTRACT: An interesting linguistic phenomenon that happens in the interaction among bilingual people is code-switching. In this paper, we are investigating code-switching among oral Brazilian Portuguese and Brazilian Sign Language – Libras, in a same enunciative chain, with the goal of identifying and analyzing the use of code-switching in the speech of a child and an adult (both hearing from deaf parents), interacting in an intermodal bilingual context, with deaf and hearing interlocutors. Code-switching in languages, in this case, occurs when a person stops to speak in Portuguese and he/she alternates to sign. This present research is a starting study, with qualitative analysis of data. Our corpus is composed of nine sections of interactions in Libras and oral Portuguese, recorded in video, part of the Bimodal Bilingual Development Project from UFSC. The data shows that adult and child's characteristics of code-switching seem to have similarities and differences. The

adult seems to switch more worried about the course of the interaction. On the other hand, the child did not seem to use code-switching for specific pragmatic reasons. In regard to the switching extension, it is noted that both the child and the adult used more than one word sentences. The role of the interlocutors seems to be decisive in the interactions investigated here – especially for the adult, since the child is still acquiring awareness about the role of the interlocutor in an interaction.

KEYWORDS: Code-Switching; Intermodal Bilingualism; Libras; Portuguese.

Recebido no dia 30 de junho de 2012.

Aceito para publicação no dia 10 de agosto de 2012.